

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC(FN) DAGOBERTO FERREIRA DA SILVA JUNIOR

A TEORIA DE DAVID GALULA DA GUERRA DE CONTRAINSURGÊNCIA:
uma análise dos princípios da ação contrainsurgente da estratégia estadunidense na Guerra do
Vietnã

Rio de Janeiro

2016

CC(FN) DAGOBERTO FERREIRA DA SILVA JUNIOR

A TEORIA DE DAVID GALULA DA GUERRA DE CONTRAINSURGÊNCIA:
uma análise dos princípios da ação contrainsurgente da estratégia estadunidense na Guerra do
Vietnã

Monografia apresentada à Escola de Guerra
Naval, como requisito parcial para conclusão do
Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2016

AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço a minha existência, a minha família e a saúde que possuo para continuar na caminhada.

A minha amada esposa Ana Cláudia, pelo irrestrito e persistente incentivo durante o período de elaboração desse trabalho.

Aos meus filhos Guilherme e Gustavo, que embora não tenham conhecimento, iluminam de maneira especial os meus pensamentos e me fazem cada vez mais buscar o crescimento intelectual e profissional.

Aos meus pais, responsáveis pela minha formação e pelos valores morais transmitidos, que me permitiram ser pai de família e profissional.

Ao CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, meu orientador, pelos precisos ensinamentos e oportunos conselhos ao longo da jornada de dedicação à pesquisa.

RESUMO

O propósito da pesquisa é confrontar o modelo teórico dos princípios da ação contrainsurgente, de David Galula (1964), com o que aconteceu na Guerra do Vietnã, no período de 1961 a 1969, bem como o grau de importância de algumas variáveis que compõem essa teoria e que contribuíram para o fracasso da estratégia estadunidense no conflito. A relevância do tema reside na oportunidade de contribuir com algum conhecimento na área de Guerra Irregular para a reflexão de um restrito segmento das forças armadas, que são os militares do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil, a fim de que tenham um rearranjo de suas tarefas e capacitações no combate irregular. O trabalho apoiou-se na identificação de passagens que indiquem que não foram empregadas algumas das variáveis da teoria de Galula a fim de avaliar se os resultados obtidos com esse não emprego contribuíram para o insucesso da estratégia adotada pelos estadunidenses nesse conflito. O desenho da pesquisa foi realizado com base na análise da teoria e da realidade. Por isso, após inter-relacionar a teoria com os dados e evidências, concluímos que a estratégia adotada pelos Estados Unidos da América não fracassou somente porque não utilizou o modelo teórico de Galula, pois o conflito também foi muito influenciado pela opinião pública estadunidense e internacional. Entretanto depreendemos que os Estados Unidos da América poderiam ter tido mais condições de obter sucesso se tivessem empregado os princípios da ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” e da “simplicidade” do modelo teórico de Galula.

Palavras-Chave: Guerra Irregular. Teoria de David Galula. Guerra do Vietnã. Contrainsurgente.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	ENTENDENDO A TEORIA DE DAVID GALULA	8
2.1	Histórico sobre David Galula.....	8
2.2	A Teoria e os princípios da ação contrainsurgente.....	9
2.3	Plena utilização das vantagens do contrainsurgente.....	15
2.4	Simplicidade.....	16
2.5	Análise interativa das variáveis teóricas.....	17
2.6	Conclusões parciais.....	18
3	ENTENDENDO A GUERRA DO VIETNÃ	20
3.1	Antecedentes históricos e o início da Guerra do Vietnã até 1961.....	20
3.2	A Guerra do Vietnã de 1961 a 1969.....	22
3.3	O final da Guerra do Vietnã.....	28
3.4	Conclusões parciais.....	29
4	ENTENDENDO A GUERRA DO VIETNÃ À LUZ DA TEORIA DE DAVID GALULA	31
4.1	Evidências do emprego do princípio da plena utilização das vantagens do contrainsurgente.....	31
4.2	Evidências do emprego do princípio da simplicidade.....	36
4.3	Conclusões parciais.....	39
5	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A guerra, em sua origem, era irregular. A partir do momento em que alguns povos começaram a dar a seus exércitos uma organização mais formal, essa característica deixou de ser geral. No entanto, aqueles povos mais fracos ou mais desorganizados passaram a adotar táticas irregulares de combate, pois esta era a única alternativa que possuíam para desgastar o inimigo, com ataques de surpresa e emboscadas.

Sendo assim, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ocorreram mais de oitenta conflitos de guerra irregular¹. Podemos observar alguns exemplos nos quais os insurgentes obtiveram sucesso, como a Guerra da Indochina (1946-1954), a Revolução Cubana (1953-1959), a Guerra da Argélia (1954-1962) e a Guerra do Vietnã (1959-1975). Particularmente esse último conflito, a Guerra do Vietnã, representa um dos mais fascinantes e desafiadores estudos que alguém pode escolher, e a avaliação do papel da guerra irregular nesse conflito não é uma exceção à regra. Em um duelo controverso como a Guerra do Vietnã, o fato de forças armadas absurdamente mais poderosas terem sua estratégia² fracassada por um inimigo muito menos equipado é uma lição a ser aprendida, principalmente se considerarmos que guerras irregulares estarão na ordem do dia dos futuros embates. Por isso entender o combate irregular é, obviamente, um pré-requisito para que o Estado se torne, de fato, menos vulnerável a ele. Dessa forma, torna-se necessário o planejamento e emprego de recursos militares, bem como o preparo das forças armadas para esse tipo específico de conflito.

As seguintes questões de pesquisa se colocam: como se relacionaram as variáveis “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” e “simplicidade”, do modelo teórico de

¹ VISACRO, 2009.

² Neste trabalho estamos adotando a definição de estratégia com sendo a arte de preparar e aplicar o poder para conquistar e preservar objetivos, superando óbices de toda ordem (MD35-G-01).

David Galula, na Guerra do Vietnã no período de 1961 a 1969? E qual a importância que essas variáveis tiveram para o fracasso da estratégia adotada pelos Estados Unidos da América (EUA) nesse conflito? Para isso, o nosso propósito será o de confrontar o modelo teórico dos princípios da ação contrainsurgente, de David Galula, com o que aconteceu na Guerra do Vietnã, no período de 1961 a 1969, bem como o grau de importância dessas variáveis no fracasso da estratégia estadunidense.

Para atingir esse propósito, pretendemos identificar na Guerra do Vietnã, no período de 1961 a 1969, passagens que indiquem que não foram empregadas algumas das variáveis da teoria de Galula, além de avaliar se os resultados obtidos com esse não emprego contribuíram para o insucesso da estratégia adotada pelos EUA nesse conflito.

Acreditamos que poderemos, com a pesquisa, inferir que a teoria de Galula continua de interesse para estudos futuros, servindo como base para planejamentos e adestramentos militares, dentro do contexto dos conflitos irregulares. Acreditamos ainda que a pesquisa é relevante, pois contribui com algum conhecimento nessa área para a reflexão de um restrito segmento das forças armadas, que são os militares do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil a fim de que tenham um rearranjo de suas tarefas e capacitações no combate irregular.

Para respondermos as questões propostas conduziremos uma pesquisa que contrastará o modelo teórico escolhido com uma realidade específica. Buscaremos, dessa forma, as respostas para as questões da pesquisa por meio de estudos bibliográficos, de natureza qualitativa, em livros e trabalhos acadêmicos, que abordem a teoria de Galula e a Guerra do Vietnã. O cruzamento dessas informações é que vai permitir identificar a validade ou não da teoria e se o seu não cumprimento, efetivamente, contribuiu para o resultado final da estratégia dos EUA na Guerra do Vietnã.

A pesquisa será dividida em três capítulos de desenvolvimento. Após esta

introdução, no segundo capítulo será apresentado ao leitor o teórico David Galula; os princípios da ação contrainsurgente, do livro “*Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*”; a delimitação do estudo nas variáveis “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” e “simplicidade”; e a análise interativa dessas variáveis teóricas.

No terceiro capítulo, será estudada a Guerra do Vietnã com um breve histórico desse evento a fim de introduzir o leitor no contexto da época estudada, realçando alguns aspectos que impactaram na estratégia fracassada estadunidense.

No quarto capítulo, será abordada a relação entre a teoria e a realidade histórica, no qual estudaremos, separadamente, cada uma das variáveis selecionadas, a fim de verificarmos se a Guerra do Vietnã se comportou como antecipado na teoria e o grau de importância das variáveis no processo contrainsurgente com o propósito de respondermos as questões colocadas na pesquisa.

Finalmente, apresentaremos as conclusões e indicaremos linhas de investigação futuras a fim de ampliar a pesquisa das outras variáveis que não foram abordadas no presente trabalho e a utilização em outros modelos históricos. Indicaremos também a importância do assunto dentro da Marinha do Brasil.

2 ENTENDENDO A TEORIA DE DAVID GALULA

Nesse capítulo, desenvolveremos um estudo sobre a teoria de David Galula com um breve histórico acerca de sua vida, mostrando o que ele representou para a comunidade de estudiosos do tema. Abordaremos ainda, de maneira sucinta, os princípios da ação contrainsurgente; bem como dois campos específicos dentro desses princípios que são a “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” e a “simplicidade”. Por fim, analisaremos a relação existente entre essas variáveis. Esse estudo é essencial para identificarmos, teoricamente, as implicações observáveis dentro do objetivo delimitado na pesquisa.

2.1 Histórico sobre David Galula

Nesse subitem será descrito, de maneira sucinta, um histórico de David Galula (1919-1967) que é considerado um dos maiores teóricos militares no estudo das operações de contrainsurgência.

Segundo Marlowe³, David Galula foi um militar do Exército Francês que incorporou naquela força em 1940. Teve uma larga experiência no combate irregular que foi acumulada ao longo dos anos de serviço ativo. Lutou contra a dominação alemã de seu país na 2ª Guerra Mundial (1939-1945), foi Adido Militar na China durante a fase final da Revolução Chinesa e fez parte da força de emergência da Organização das Nações Unidas (ONU) que foi enviada para a Grécia durante a Guerra Civil Grega (1946-1949). Estudou em detalhes a Guerra da Indochina, na qual viu seu país cair diante da força do Vietminh⁴. Participou da Guerra da Argélia (1954-1962) durante três anos e se destacou por empregar técnicas pessoais

³ Escreveu uma monografia sobre David Galula baseada em entrevistas com sobreviventes de sua família e amigos, bem como pesquisa de arquivos.

⁴ Exército formado sob o comando do líder revolucionário comunista Ho Chi Minh.

muito bem sucedidas para pacificar sua área de responsabilidade em Kabylie⁵. Após isso, teve maior aproximação com o meio acadêmico ao trabalhar em estudos sobre a contrainsurgência, lecionando na Escola de Estado-Maior do Exército Francês e atuando como pesquisador na Universidade de Harvard e na *RAND Corporation*⁶, ambas nos Estados Unidos da América (MARLOWE, 2010).

O livro “*Counter-insurgency Warfare: Theory and Practice*”, escrito por David Galula (1964), tornou-se uma das principais fontes para a doutrina estadunidense de COIN⁷, na qual militares e intelectuais estadunidenses, preocupados com o progresso da contrainsurgência no Iraque e Afeganistão, abraçaram as teorias de Galula e suas obras (MARLOWE, 2010).

Fruto de sua experiência com movimentos de ideologia comunista, Galula pôde observar a doutrina adotada por aqueles movimentos para a tomada do poder e pôde ver que a luta contra esse tipo de inimigo extrapolava o aspecto puramente militar do conflito. A partir dessa percepção, Galula dedicou-se a elaboração de uma estratégia de guerra revolucionária centrada na conquista da população, e não exclusivamente no desbaratamento da organização subversiva. Além disso, ele organizou seus pressupostos sobre linhas genéricas para atuação da força contrainsurgente, sem especificar ações que só seriam efetivas contra um inimigo em particular atuando em um cenário pontual.

A formatação de um “pensamento” sobre a contrainsurgência faz com que o trabalho de Galula seja mais perene. Sendo que, em sua teoria, ao diagnosticar a relação de forças e fraquezas entre os oponentes, ele na verdade indica como o contrainsurgente deve buscar aperfeiçoar seu trabalho para aumentar a probabilidade de sucesso no combate irregular.

⁵ É uma região montanhosa do norte da Argélia.

⁶ *RAND Corporation (Reserach ANd Development)* é uma instituição *Think Tank* sem fins lucrativos. Criado originalmente como *Douglas Aircraft Company*, atua como uma entidade que desenvolve pesquisas e análises para o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América.

⁷ Abreviatura de *counterinsurgency* em inglês que significa Operações de Contrainsurgência.

2.2 A Teoria e os princípios da ação contrainsurgente

Nesse subitem serão descritos, de maneira sucinta, a Teoria de David Galula englobando os sete princípios que embasam as ações gerais do contrainsurgente, na fase de Guerra Revolucionária Quente⁸, de acordo com o livro “*Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*”, de David Galula.

Galula apresenta seu pensamento para a condução da contrainsurgência deixando claro o aspecto não universalista de suas ideias. Segundo ele,

A profusão de variáveis na guerra jamais desestimulou a procura de sistemas infalíveis. [...] Desde que os homens começaram a pensar e a lutar (ou a lutar e depois pensar), tentou-se estudar a guerra filosoficamente porque o espírito humano gosta de uma estrutura de referência e nela precisa apoiar-se praticamente com o objetivo de tirar lições úteis para a próxima luta (GALULA, 1964, p.14, tradução nossa)⁹.

Dessa forma, uma doutrina universal contrainsurgente com respostas pontuais para as questões não seria viável. Em cada conflito as matizes são distintas, os locais, a população, os ideais, as motivações, a política e o próprio inimigo não se repetirão. Ainda que na maioria das guerras os mesmos princípios e as mesmas leis são válidos para ambos os lados, a maneira que cada oponente as utiliza é variável (GALULA, 1966).

Segundo Marlowe (2010), o estudo de Galula tem sua validade em não ser aplicável para as questões pontuais de um conflito, mas de todos eles, haja vista a preocupação de limitar em bases científicas as respostas a serem dadas para esse tipo de engajamento.

O início da teoria de Galula trata de entender o cenário no qual o inimigo pode ser bem sucedido para empreender uma luta de insurreição. No capítulo "Os pré-requisitos para o

⁸ Para Galula, do ponto de vista do contrainsurgente, uma guerra revolucionária pode ser dividida em dois períodos: a guerra revolucionária fria e a guerra revolucionária quente. Essa conceituação é inicial e será desenvolvida ao longo da pesquisa, mais precisamente no próximo subitem.

⁹ No original: “The profusion of variables in war has never discouraged the search for foolproof systems. [...] Ever since men have thought and fought (sometimes in the reverse order), attempts have been made to study war philosophically, because the human mind loves, and needs to lean on, a frame of reference; practically, with the object of drawing useful lessons for the next war”.

sucesso de uma insurgência" do seu livro, o autor apresenta os fatores de sucesso do insurgente e passa a enumerar as formas de atuação desejáveis para o contrainsurgente. É interessante que seus modelos de atuação são baseados em um inimigo com motivação predominantemente política e de ordem maoísta. Mas devido ao fato de serem amplas e genéricas, suas orientações são pertinentes para outros tipos de insurgência, com motivações distintas.

Para Galula, do ponto de vista do contrainsurgente, uma guerra revolucionária pode ser dividida em dois períodos: a guerra revolucionária fria e a guerra revolucionária quente (GALULA, 1964). O primeiro período, aquele chamado de frio, corresponde às duas primeiras fases da guerra revolucionária proposta por Mao Tsé-Tung¹⁰. O segundo período, o quente, é aquele que tem o movimento insurgente partindo para a guerra de guerrilhas¹¹ e para a guerra de movimento¹². A distinção entre ambos é relevante, pois se trata da percepção do contrainsurgente sobre a fase de desenvolvimento do movimento inimigo. As medidas a serem adotadas contra o insurgente em cada fase são distintas.

Caso as medidas adotadas na fase fria da guerra não tenham alcançado o efeito desejado, o contrainsurgente deverá reavaliar sua estratégia para lutar na fase quente. Nessa nova fase, o seu oponente estará mais fortalecido, terá uma causa convincente e já deve controlar algumas regiões remotas do país. A solução para as questões da fase quente são muito mais complexas e demandam muito mais tempo (GALULA, 1964).

Nessa fase, o contrainsurgente terá que racionalizar seu esforço para reverter um quadro já negativo. Suas tropas estão fixadas ao imperativo de defender instalações. Sua liberdade de ação foi diminuída e quem tem ampla liberdade de ação é o insurgente. A oportunidade de vencer o inimigo enquanto ele, militarmente, era fraco foi perdida, mas existem

¹⁰ As duas primeiras fases da guerra revolucionária são estabelecimento e criação de um partido revolucionário e treinamento, recrutamento e pequenas ações contra o governo (GALULA, 1964).

¹¹ É um tipo de guerra não convencional no qual o principal estratégia é a ocultação e extrema mobilidade dos combatentes (VISACRO, 2009).

¹² É uma fase onde ocorrerá o enfrentamento convencional entre os lados (GALULA, 1964).

ações que podem contribuir para a vitória final (GALULA, 1964). Por isso Galula apresenta princípios que podem contribuir com esse esforço.

Abaixo serão sintetizadas as ações sugeridas por Galula para a atuação na fase da guerra revolucionária quente. São tópicos claros e simples que permitem que comandantes subordinados e executores do poder público possam seguir mesmo sem uma direção superior onipresente, e nisso reside sua grande relevância. A execução, porém não é tão simples e exige conhecimento da guerra irregular para poder obter os resultados mais favoráveis.

O primeiro princípio trata-se dos “limites da ação convencional”. A conquista de território e a destruição do inimigo não bastam na guerra de contrainsurreição. O insurgente não defende áreas e nem aceita lutar por elas. "Ele está em toda parte e em parte nenhuma". Ações de busca e destruição devem ser complementadas pela segurança de setores e ações para estabelecer uma boa base de apoio em locais ainda não atingidos pelos rebeldes (GALULA, 1964).

O segundo princípio é a “economia de forças”. Na fase da guerra quente o objetivo será impedir que o insurgente chegue na 4ª fase do movimento revolucionário¹³. Para isso, será necessário localizar as bases de apoio e onde o inimigo é mais forte. Identificadas essas áreas, devem ser feitas ações de cerco e destruição com grandes efetivos. A concentração de meios em um ponto abre uma oportunidade para o insurgente atacar em outros locais e assim obrigar a nova dispersão de meios. Economizar meios, portanto, é alocar meios no ponto principal naquele momento, mas tendo reservas móveis suficientes para rechaçar ações de oportunidade do inimigo (GALULA, 1964).

O terceiro princípio da teoria de Galula diz respeito à “irreversibilidade”. Em uma área onde a tropa contrainsurgente opere, o ideal é que a população a aceite e passe a desenvolver sua própria estrutura de autodefesa, com o apoio do governo. Esses grupos

¹³ A 4ª fase do movimento revolucionário é a Guerra de Movimento.

executarão ações defensivas e não serão equipados para combates ofensivos com grande poder de fogo. Quando a segurança local for alcançada e quando surgirem lideranças locais capazes de conduzir os esforços de sua região, o processo de pacificação terá atingido um ponto de irreversibilidade face a ação do insurgente (GALULA, 1964).

O quarto princípio é a “iniciativa”. O rebelde tem a iniciativa das ações. Ele escolhe onde atacar e quando atacar enquanto está na fase de guerrilhas. No campo "macro", o contrainsurgente deve escolher onde agir e realizar suas ações para eliminar o inimigo cercado. No campo "micro" a presença do contrainsurgente deve criar o dilema para o rebelde: ou aceitar o desafio de lutar contra o poder legal (mais forte e melhor armado) pela posse do terreno ou abandonar a área e deixar de exercer a influência sobre a população (GALULA, 1964).

O quinto princípio é a “plena utilização das vantagens do contrainsurgente”. "Se o rebelde é fluido, a população não o é". Se os esforços forem feitos sobre ela, o contrainsurgente terá melhor condição de empregar sua superioridade em capacidade administrativa, propaganda, segurança pública, infraestrutura e inteligência, bem como realizando uma abordagem civil-militar integrada. Tais meios são válidos no trato com a população, mas pouco vale contra o insurgente (GALULA, 1964).

O sexto princípio é a “simplicidade”. Diferentemente da guerra convencional, na qual objetivos são definidos por lugares ou pela destruição da tropa, não é simples definir tarefas nas operações de contrainsurgência. A simplicidade deve vir da doutrina de emprego utilizada que deve ser clara e com definições de como atingir fatores incomuns para o soldado (GALULA, 1964). Essas duas últimas variáveis serão abordadas posteriormente.

Por fim, o último princípio que complementa o estudo de Galula dos caminhos que se oferecem ao contrainsurgente é “Comandar é controlar”. Na contrainsurgência existem ações tipicamente militares e ações essencialmente civis, porém o ideal é conduzir um esforço

concentrado, maximizando o efeito sinérgico de ambos os vetores. Por isso dividir o comando militar e civil é um erro grave (GALULA, 1964).

Ao sintetizar aspectos que favorecem e que dificultam a ação dos contrainsurgentes, o autor mostra particularidades que são tangíveis e outros que são intangíveis. O contrainsurgente não pode, por exemplo, escolher o formato do território, ou a dispersão da população ou ainda o local onde o insurgente irá atuar. Esses fatores são intangíveis. Por outro lado, a governabilidade, o isolamento do apoio externo, a forma de controle da população são fatores que o contrainsurgente tem na sua mão. Ele aplicará em melhor ou pior medida em função do seu conhecimento de doutrinas desse tipo de luta (GALULA, 1964).

De uma maneira geral, os pré-requisitos de sucesso de um movimento insurgente e as estratégias do contrainsurgente irão centrar-se principalmente na população, em vez do inimigo, e procurarão reforçar a legitimidade do governo afetado, reduzindo a influência insurgente. Sendo assim, a importância do apoio populacional faz com que normas sejam estabelecidas para nortear as ações contrainsurgentes. Surgindo então os princípios da ação contrainsurgente na qual vai afiançar a mesma ideia força “necessidade do apoio populacional”.

Galula consegue explicar sinteticamente o caminho a ser seguido, sem deixar amarras que tornem suas orientações não aplicáveis em casos distintos. Esse ponto de vista é importante se houver um julgamento da época na qual a obra foi editada. Até então, o que se viu em termos de doutrina contrainsurgente foram ações militares violentas e quase nenhuma preocupação em se trazer a população para a área de influência do contrainsurgente. Entende-se, nessa linha de raciocínio, que a proposta de Galula apresenta uma inflexão doutrinária na condução contrainsurrecional.

Com isso, os princípios da ação que Galula apresenta para emprego na fase de guerra revolucionária quente fornecem subsídios para que o contrainsurgente veja mais claramente o caminho a ser seguido. Sendo que Galula percebe que existe uma necessidade

óbvia de uma "bússola", que sua obra tenta fornecer como um instrumento, por mais imperfeito e rudimentar que seja, por meio dos pré-requisitos de sucesso do movimento insurgente e dos princípios da ação contrainsurgente.

2.3 Plena utilização das vantagens do contrainsurgente

Nesse subitem será descrito o princípio da ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente”, que orienta o contrainsurgente para o caminho que deverá agir a fim de obter sucesso em um movimento contrainsurgente.

De acordo com Visacro,

Acima de tudo, é necessário que o Estado esteja, de fato, orientado segundo o firme propósito de erradicar as ameaças que lhe desafiam, determinado a assumir riscos e predisposto a suportar o enorme desgaste inerente a uma campanha contra forças irregulares (VISACRO, 2009, p. 358).

Concentrando seus esforços sobre a população, o contrainsurgente reduz ao mínimo sua rigidez e faz pleno uso de suas vantagens. Sua capacidade administrativa, seus recursos econômicos, seus meios de informação e de propaganda, sua superioridade militar, devida a armas pesadas e grandes unidades, tudo isso que atrapalha e é relativamente inútil contra o insurgente arisco, recupera todo o seu valor quando aplicado à tarefa de obter o apoio de uma população estática (GALULA, 1964).

Os manuais militares de contrainsurgência apontam, em geral, para a necessidade de uma abordagem civil-militar integrada; para a ênfase na promoção de reformas sociais e no desenvolvimento de políticas públicas focadas na melhoria das condições de vida da população, em detrimento de operações de combate de maior envergadura; de isolar as forças irregulares da população civil, privando-as de seus apoios domésticos, de seus locais de refúgio e de seus patrocinadores externos (VISACRO, 2009).

Quatro fatores potencializam a variável “plena utilização das vantagens do contra-insurgente”. São eles: a inteligência; a infraestrutura; a segurança pública; e a abordagem civil-militar integrada. A inteligência torna-se ainda mais crucial, uma vez que muitas das ações realizadas nesse tipo de conflito fogem do convencional. Entretanto, inteligência sem a ação torna-se inócua. Já as atividades para melhorar a infraestrutura e a segurança pública, dentro de uma abordagem civil-militar integrada, desempenham um papel fundamental para mitigar a perda de credibilidade do contrainsurgente e a vontade do adversário de usar esses instrumentos como uma forma de controle e influência sobre a população.

Por fim, o sucesso das operações numa guerra irregular, sob o prisma do princípio de ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente”, geralmente está associado aos fatores de infraestrutura, segurança pública e abordagem civil-militar integrada, bem como à condução de atividades de inteligência na qual os recursos necessários para explorar esse sucesso nessa variável estão na capacidade de alavancar a diplomacia, as operações de informação, a influência econômica e a pressão militar, tudo em um esforço concentrado e coordenado.

2.4 Simplicidade

Nesse subitem será descrito o princípio da ação da “simplicidade” que fornece instrumentos para obter sucesso em um movimento contrainsurgente.

Galula percebeu que a Guerra Revolucionária¹⁴ representava um caso de exceção nas estratégias militares até então conhecidas. Nelas, as leis e os princípios gerais concebidos pelos grandes manuais militares não se aplicavam. Por isso Galula descobre que das

¹⁴ No entender dos militares franceses, são movimentos de libertação que adotam uma estratégia de guerra em etapas, fortemente influenciada pela teoria criada por Mae Tse-Tung.

profundas disparidades entre as forças envolvidas na disputa revolucionária decorrem na adoção de formas de atuação e estratégias de combate absolutamente distantes, por cada um dos lados do conflito. Apesar desse desequilíbrio, ambos os lados do embate se encontram travando uma mesma disputa, uma mesma guerra pelo domínio da população.

Sendo assim, uma das maneiras de combater o movimento insurgente é assumindo que a guerra irregular somente se vence através da guerra irregular, na qual a simplicidade deve vir da doutrina de emprego utilizada de maneira clara, em que a mobilização das massas é um elemento crucial, bem como o domínio do terreno. Por outro lado, a compreensão da guerra irregular deve também partir da premissa de que nesse tipo de conflito não existem regras. Os generais acostumaram-se a travar a guerra segundo uma lógica cartesiana, que o combatente irregular ignora ou desconhece. Não basta dar uma definição ampla da meta (obter o apoio da população). É igualmente necessário que se mostre como fazê-lo e de maneira tal a permitir uma margem de iniciativa ao contrainsurgente que executa a estratégia, ainda que com precisão deficiente para canalizar seus esforços numa única direção.

2.5 Análise interativa das variáveis teóricas

Nesse subitem será realizada a análise interativa das variáveis teóricas “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” e “simplicidade” que facilitará, mais a frente, a organização do estudo da realidade histórica da Guerra do Vietnã.

O aumento da prioridade na utilização do princípio da ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” favorece em muito a busca de uma influência positiva junto à população. No contexto dessa variável, percebe-se também a facilidade de mensurar o seu aumento caso seja necessário ou exigido. Só que um incremento da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” sem a variável “simplicidade” não soluciona sozinho o

conflito. Logo, independente da prioridade dada ao princípio da ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente”, será necessário empregar combinadamente o princípio da ação da “simplicidade”.

Por outro lado, o princípio da ação da “simplicidade” deve ser buscado em todas as fases do conflito e até mesmo antes de iniciá-lo, por meio de uma doutrina de emprego clara e apropriada a cada situação. Entretanto é difícil encontrar parâmetros para mensurar o seu emprego, bem como a sua utilização potencializa todos os outros princípios da ação da Teoria de David Galula, principalmente o da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente”.

Percebemos que por mais que a variável “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” possa ser forte, ela diminuirá sua importância se a “simplicidade” não puder apoiá-la e, ao contrário, a “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” fraca poderá ganhar importância pelo sucesso da “simplicidade”.

2.6 Conclusões Parciais

Nesse capítulo, realizamos a pesquisa de parte da Teoria de David Galula e sua importância na comunidade que estuda a “guerra não convencional”. Relacionamos, na visão do teórico, os princípios de ação contrainsurgente e delimitamos os aspectos da teoria pesquisada em apenas duas variáveis, que serão as mesmas analisadas posteriormente.

Galula apresenta subsídios e instrumentos adequados no combate contra o movimento insurgente a fim de aumentar o sucesso em um combate irregular no qual a falta de flexibilidade do emprego militar pode facilitar em muito o esforço inimigo em ampliar seu controle e sua influência sobre o que realmente deve ser o alvo da luta: a população.

Com a colocação dos pré-requisitos de sucesso do movimento insurgente e os princípios da ação contrainsurgente, na fase de guerra revolucionária quente, Galula cria um esqueleto para que uma contrainsurgência possa ser efetivada, mostrando claramente o caminho a ser seguido pela estratégia. A observância desses pontos permite que uma nação des-preparada possa ter um início nessa luta. Adequações obviamente serão necessárias, mas os princípios não necessitarão alterações, pois são universais.

Dentro do princípio da ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” o sucesso das operações, numa guerra irregular, geralmente está associado aos fatores de infraestrutura, segurança pública e à condução de atividades de inteligência, bem como existe a necessidade de uma abordagem civil-militar integrada. Já o princípio da ação da “simplicidade” aborda a necessidade de uma doutrina de emprego clara, na qual o objetivo é a população, na qual as ações militares e políticas não podem ser separadas, bem como a ação militar, embora essencial, não pode ser a principal forma de ação.

Por isso, qualquer tentativa de classificar as operações de combate irregular se presta a muito pouco que não facilitar o estudo e proporcionar um melhor entendimento desse tipo de conflito como fenômeno político e militar.

Por fim, mostramos, através da interação das variáveis, como uma delas depende diretamente do sucesso da outra, influenciando todo o movimento contrainsurgente. Percebemos que por mais que uma variável possa ser considerada forte, ela diminuirá sua importância se a outra variável não puder apoiá-la e, ao contrário, uma variável nitidamente fraca poderá ganhar importância pelo sucesso da outra.

3 ENTENDENDO A GUERRA DO VIETNÃ

Nesse capítulo desenvolveremos inicialmente um breve relato sobre os antecedentes históricos da Guerra do Vietnã até 1961; o conflito propriamente dito no período de 1961 até 1969; o desfecho final dele; e, por fim, apresentaremos as conclusões parciais do capítulo. Esse estudo é essencial para entendermos o contexto que marcou a história dos EUA e a sua importância em termos de lições aprendidas em operações de contrainsurgência.

3.1 Antecedentes históricos e o início da Guerra do Vietnã até 1961

Nesse subitem serão descritos, de maneira sucinta, alguns antecedentes históricos importantes antes da Guerra do Vietnã e o seu início até 1961 que nos proporcionará entender melhor o contexto histórico no qual ocorreu a referida guerra no período de 1961 a 1969.

O Vietnã havia sido colônia francesa e no final da Guerra da Indochina (1946-1954) foi dividido em dois países. Sendo que representantes da França e do *Viet Minh*¹⁵, na Conferência de Genebra, firmaram um acordo dividindo o país na altura do Paralelo 17° N: República Democrática do Vietnã (Vietnã do Norte, com capital em Hanói) e República do Vietnã (Vietnã do Sul, com capital em Saigon).

O Vietnã do Norte era comandado por Ho Chi Minh¹⁶, possuindo orientação comunista pró ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O Vietnã do Sul, uma ditadura militar, passou a ser aliado dos EUA e, portanto, com um sistema capitalista. A

¹⁵ Vietminh ou Viet Minh (forma curta de *Việt Nam Độc Lập Đông Minh Hội*, "Liga pela Independência do Vietnã") foi um movimento revolucionário de libertação nacional criado por Ho Chi Minh em 1941, na China, para obter a independência do Vietnã da França e, durante a Segunda Guerra Mundial, quando a França fora ocupada pela Alemanha, para se contrapor à ocupação japonesa (1940-1945). Disponível em < <http://www.ecured.cu/Vietminh> >. Acesso em: 30 mai. 2016.

¹⁶ Foi um revolucionário e estadista, nascido em uma pequena aldeia vietnamita em 1980, filho de um professor rural, seu nome verdadeiro era Nguyen Sinh Cung, mas também foi chamado de Nguyen Tat Thanh, Nguyen Ai Quoc e Ly Thui. Posteriormente recebeu o pseudônimo de Ho Chi Minh, que significa "aquele que ilumina". Disponível em < <http://educacao.uol.com.br/biografias/ho-chi-minh.htm> >. Acesso em: 30 mai. 2016.

intenção estadunidense era conter a expansão comunista no Oriente e, para isso, patrocinavam um governo capitalista no Vietnã do Sul, liderado pelo católico Ngo Dinh Diem¹⁷, que passava a receber assistência financeira e treinamento militar para seu exército, e estabeleceu uma ditadura familiar marcada pela corrupção política (MAGNOLI, 2006).

A relação entre os dois Vietnãs, em função das divergências políticas e ideológicas, era tensa no final da década de 1950. Em vez de realizar as eleições em 1956, como previa o acordo de Genebra, Diem proclamou a independência do Sul e cancelou a votação. Os estadunidenses apoiaram Diem porque sabiam que as eleições seriam vencidas pelos nacionalistas e pelos comunistas de Ho Chi Minh (OLIC, 1988). Em 1954, o Gen. Eisenhower¹⁸, presidente dos EUA, explicou a posição estadunidense na região pela defesa da “Teoria do Dominó”:

Se vocês puserem uma série de peças de dominó em fila e empurrarem a primeira, logo acabará caindo até a última [...] se permitirmos que os comunistas conquistem o Vietnã corre-se o risco de se provocar uma reação em cadeia e todos os Estados da Ásia Oriental tornar-se-ão comunistas um após o outro (VISACRO, 2009, p. 110).

Com isso entendemos que a Guerra da Indochina e a Guerra do Vietnã compreenderam dois conflitos distintos, mas entrelaçados nos quais estavam em jogo a unidade do Estado Vietnamita e a natureza do seu regime político e econômico. Sendo que com a “Teoria do Dominó”, os EUA apresentaram suas iniciativas de ação a fim de influenciar o futuro geopolítico da Ásia Oriental, porém na fase inicial do conflito os estadunidenses começaram apoiando o governo de Diem que tinha uma administração nepótica e corrupta que favorecia a causa do insurgente.

¹⁷ Mediante um Plebiscito, Bao Dai foi deposto e o poder foi entregue ao líder católico, Ngo Dinh Diem, comprometido com os norte-americanos. Disponível em < <http://bigwars2.blogspot.com.br/2011/03/guerra-do-vietna.html> >. Acesso em: 30 mai. 2016.

¹⁸ O general Dwight David Eisenhower, popular herói de guerra, foi eleito presidente dos Estados Unidos pelo Partido Republicano em 4 de novembro de 1952.

Em 1959, vietcongues¹⁹ (guerrilheiros comunistas), com apoio de Ho Chi Minh e dos soviéticos, atacaram uma base estadunidense no Vietnã do Sul. Esse fato deu início a Guerra do Vietnã²⁰. Em 1960, Ho Chi Minh funda a Frente Nacional de Libertação (FNL), mais conhecida como Vietcong, a guerrilha de resistência sul-vietnamita. A guerra colocou em confronto, de um lado, a República do Vietnã (Vietnã do Sul) e os EUA, com participação efetiva, porém secundária, da Coreia do Sul, da Austrália e da Nova Zelândia; e, de outro, a República Democrática do Vietnã (Vietnã do Norte) e a FNL. A China, a Coreia do Norte e, principalmente, a ex-URSS prestaram apoio logístico ao Vietnã do Norte, mas não se envolveram efetivamente no conflito. Ressalta-se que os EUA, entre 1959 e 1961, evitam o envolvimento direto no Vietnã, limitando-se ao fornecimento de armas, assessores militares e treinamento ao exército sul-vietnamita. Inicialmente era necessário os EUA convencerem a opinião pública e, através dessa, o Congresso, sobre a real necessidade de uma maior participação estadunidense no Vietnã (VISACRO, 2009).

Sendo assim, a Guerra do Vietnã não foi deflagrada por uma declaração de guerra formal e percebemos ainda a participação de Estados de influência soviética no continente que eram contrários a estratégia de “contenção” estadunidense em toda orla asiática.

Por fim, o governo sul-vietnamita, liderado pelo Presidente Diem, era constantemente elogiado pelas autoridades estadunidenses que não viam, ou não queriam ver, que aquele país estava sendo conduzido de forma ditatorial, além da alta corrupção que tomava conta e era praticada pelas altas camadas da sociedade, incluindo-se os políticos.

¹⁹ O termo vietcongue é derivado da expressão *Công Sản Việt Nam*, que significa “vietnamita comunista”. Faziam parte da Frente Nacional de Libertação, movimento insurgente que lutava pela unificação dos Vietnãs do Norte e do Sul, via tomada do poder constituído. Disponível em < <http://www.ecured.cu/Vietminh> >. Acesso em: 30 mai. 2016.

²⁰ Guerra do Vietnã (português brasileiro) ou Guerra do Vietname (português europeu) ou ainda, segundo os vietnamitas, Guerra Americana foi um conflito armado ocorrido no Sudeste Asiático entre 1959 e 30 de abril de 1975. Disponível em < <http://www.ecured.cu/Vietminh> >. Acesso em: 30 mai. 2016.

3.2 A Guerra do Vietnã de 1961 a 1969

Nesse subitem sobre a Guerra do Vietnã serão trazidas considerações importantes para entendermos as evidências sobre a aplicação ou não dos princípios da ação contrainsurgente da Teoria de David Galula que serão apresentadas no próximo capítulo.

O presidente Kennedy (1917-1963), em dezembro de 1961, enviou a primeira tropa estadunidense, constituída por 400 soldados, a qual chegou a Saigon, com o objetivo de operar duas companhias de helicópteros. Aos poucos, o apoio dos EUA foi aumentando com o envio de mais helicópteros tripulados e tropas de Forças Especiais, que passaram a executar algumas ações de contrainsurgência²¹ (VISACRO, 2009).

Na metade de 1962, o número de conselheiros militares estadunidenses no Vietnã do Sul havia aumentado de 700 para 12 mil. Em 02 de novembro de 1963, o presidente Diem é deposto por um golpe militar e executado, ao mesmo tempo em que uma junta militar assume o poder no Vietnã do Sul²². Com isso o país entra em crise e o Vietcong passa a controlar cerca de 75% do território sul-vietnamita, fazendo com que os EUA passem à ação direta (VISACRO, 2009).

Em 1964, surge o pretexto para a invasão: o destróier estadunidense USS Maddox, que operava no Golfo de Tonquim, é alvejado por barcos de patrulha norte-vietnamitas, o que leva o presidente Lyndon Johnson (1908-1973) considerar esse episódio como um ato de guerra contra eles, fazendo com que o Congresso, perante a comoção da opinião pública estadunidense, aprovasse a Resolução do Golfo de Tonquim, que autorizou o presidente a

²¹ As ações de contrainsurgência ocorridas na Guerra do Vietnã serão apresentadas mais detalhadamente no próximo capítulo, pois serão o foco das evidências sobre a aplicação ou não dos princípios da ação contrainsurgente.

²² Em 1 de novembro de 1963, o presidente Ngo Dinh Diem do Vietnã do Sul foi deposto por um grupo de oficiais do Exército da República do Vietnã, liderados pelo general Duong Van Minh com apoio da CIA, que não concordavam com a sua gestão da crise budista e, em geral, a sua opressão crescente a grupos nacionais em nome do combate aos comunistas do Vietcong. Disponível em < <http://www.ecured.cu/Vietminh> >. Acesso em: 30 mai. 2016.

ampliar o envolvimento dos EUA na região, abrindo caminho para o desencadeamento da guerra (VISACRO, 2009).

Sendo assim, percebemos que os EUA, nessa fase inicial dos embates na qual o ambiente político no Vietnã do Sul estava confuso, não tinham o respaldo político para engajar decisivamente no conflito. E teria sido importante, nessa época em questão, uma participação imediata estadunidense, pois os vietcongues com o tempo foram ganhando mais legitimidade a sua causa e o apoio da população, graças à perda de credibilidade do governo sul-vietnamita.

O objetivo dos EUA era travar uma guerra clássica, geograficamente limitada, rápida e intensa, amparada por seu imenso poderio bélico e tecnológico, que lhe proporcionava ampla mobilidade. A invasão do território norte-vietnamita, em princípio, estava descartada a fim de evitar o envolvimento da China, bem como o emprego de armas nucleares, devido ao temor de uma retaliação soviética. Ressalta-se, também, a falta de habilidade estadunidense em relação à contrainsurgência, a qual foi delegada, inicialmente, ao exército sul-vietnamita. Contudo, após a morte do ditador Diem, os sul-vietnamitas não conseguiram mais preencher o vácuo de sua liderança e uma série de outros militares assumiram a chefia do governo transitoriamente enquanto mais e mais aumentava a participação dos EUA (VISACRO, 2009).

Por outro lado, os insurgentes estabeleceram uma resistência baseada na guerra popular, na qual todos eram combatentes, amparados na defesa da causa da nação invadida, a fim de obter legitimidade perante a opinião pública internacional. No nível tático, concentravam seus ataques com pequenos efetivos na retaguarda inimiga, fazendo com que a frente de combate fosse indefinida. Os vietcongues, além de se aproveitarem do clima severo, também sabiam com maestria como se retirar de um local explorando o ambiente, atraindo as tropas estadunidenses para diversas armadilhas deixadas na selva (VISACRO, 2009).

Com isso, percebemos que os EUA deram continuidade ao seu “estilo estadunidense de guerra”²³, seguindo uma estratégia de “busca e destruição” de forças inimigas no Vietnã do Sul, baseando-se no conceito de guerra defensiva, pois uma guerra ofensiva poderia provocar o envolvimento direto de forças soviéticas e chinesas. Em compensação, os insurgentes realizaram ofensivas limitadas, principalmente, com táticas de guerrilha nas quais utilizaram, notavelmente, o clima e o terreno a seu favor.

A Ofensiva do Tet foi uma referência à data de início das batalhas, o feriado de ano novo lunar, chamado pelos vietnamitas de *Tet Nguyen Dan*. A partir da madrugada de 31 de janeiro de 1968, enquanto vigorava uma trégua em comemoração ao principal feriado vietnamita, o governo comunista do Vietnã do Norte e seus aliados iniciaram ataques simultâneos contra várias cidades do Vietnã do Sul. Foram desencadeados ataques contra mais de cem cidades, entre elas trinta e seis capitais de província e a própria capital do país, Saigon. Os ataques a alvos táticos e objetivos psicológicos, como a embaixada estadunidense e o palácio presidencial, foram televisionados para todo o mundo, causando forte impacto perante a opinião pública dos EUA e mundial (MAGNOLI, 2006).

A ideia da invasão militar comunista era lutar para "libertar" o povo do Sul da "opressão capitalista". Eles achavam que a invasão provocaria uma rebelião popular contra o governo do Vietnã do Sul, coisa que nunca aconteceu. No começo, o ataque surpresa deu certo, mas os estadunidenses e os sul-vietnamitas reagiram rapidamente. Como o poderio militar do lado capitalista era muito maior, os comunistas foram expulsos em poucos dias de quase todas as cidades que invadiram. Mas, apesar da vitória militar estadunidense, as imagens da invasão frustrada provocaram um grande estrago interno, pois a Ofensiva do Tet provou-se ter sido um enorme sucesso propagandístico, principalmente de ordem moral, na medida em que

²³ Expressão batizada pelo historiador Russel Weigley na qual esse “estilo” se baseava na mobilização geral das forças de uma poderosa economia industrial, numa rude estratégia de atrito, na superioridade oferecida por um poder de fogo arrasador, na tática de ofensivas diretas e decisivas (MAGNOLI, 2006).

mostrou aos militares e ao público estadunidense que, apesar de todo o esforço e todo o sangue derramado, a guerra não ia bem (contrastando com o que o governo falava até então). E também deixou claro que os EUA, embora sendo a maior potência militar do planeta, não conseguiriam vencer a guerra contra os vietnamitas nem no curto e nem no médio prazo (VISACRO, 2009).

A Ofensiva do Tet também produziu outros efeitos significativos: as quedas do general Westmoreland²⁴ e do presidente Johnson. O general Westmoreland, que havia dito que "já podia ver a luz no fim do túnel", predizendo uma vitória estadunidense para breve, foi destituído, e o presidente Johnson foi obrigado a aceitar negociações, a serem realizadas em Paris, além de anunciar sua desistência de tentar a reeleição. Para a opinião pública estadunidense tratava-se agora de sair daquela guerra de qualquer maneira (VISACRO, 2009).

Além desses acontecimentos, diversas ações brutais contra civis vietnamitas se tornaram frequentes, como o célebre massacre de My Lai²⁵, na qual soldados de infantaria invadiram um povoado à procura de guerrilheiros infiltrados e executaram cerca de 500 camponeses.

Sendo assim, a Ofensiva do Tet foi um marco nesse conflito, pois ficou nítido para o povo estadunidense que a guerra não estava sendo ganha e a partir disso iniciou-se uma crise política nos EUA que vai resultar mais tarde a decisão de sair da guerra. Ressalta-se também nesse conflito a ausência de restrições na cobertura da imprensa²⁶ que deu publicidade aos confrontos urbanos do Tet, a matança incessante nas selvas e o massacre de civis inocentes, potencializando a legitimidade dos insurgentes perante a opinião pública estadunidense e internacional.

²⁴ Foi substituído pelo general Creighton Abrams.

²⁵ É o nome da aldeia vietnamita onde, em 16 de março de 1968, centenas de civis, na maioria mulheres e crianças, foram executados por soldados do exército dos Estados Unidos, no maior massacre de civis ocorrido durante a Guerra do Vietnã. Disponível em < <http://www.history.com/topics/vietnam-war/my-lai-massacre> >. Acesso em: 30 mai. 2016.

²⁶ A Guerra do Vietnã foi a primeira guerra da “era da informação”, em que se teve a “cobertura total” da imprensa (MAGNOLI, 2006).

Em 1969, com a eleição de Richard Nixon à presidência dos EUA, ocorre um processo de “vietnamização” do conflito, com a gradual retirada de tropas, ao mesmo tempo no qual o exército sul-vietnamita assumia as ações militares, contando com o apoio aéreo estadunidense. O problema passou a ser de que maneira os EUA poderiam obter uma "retirada honrosa" e manter ainda o seu aliado, o governo sul-vietnamita (OLIC, 1988).

De acordo com os fatos supracitados constatamos que as grandes operações levadas a efeito pelos EUA foram de acordo com táticas convencionais, amparadas por seu imenso poderio bélico e tecnológico, e mesmo que algumas delas tenham resultado em vitórias táticas, os comunistas obtiveram vantagem no campo estratégico no qual souberam aproveitar muito bem as características do clima severo e do ambiente de selva, empregando táticas de guerrilha.

Por fim, a Ofensiva do Tet, para os governos do Vietnã do Sul e dos EUA, foi uma vitória política devido a não adesão da população aos atacantes, demonstrando o isolamento dos vietcongs. No campo militar, também foi uma vitória a resistência do exército sul-vietnamita, abrindo a perspectiva de uma "vietnamização" do conflito, com a retirada dos EUA da linha de frente.

Entretanto, apesar da derrota no embate entre forças regulares, os comunistas provocaram consideráveis baixas estadunidenses, além de um número grande de deserções no exército sul-vietnamita, que foi de fundamental importância para que a opinião pública internacional começasse a desconfiar sobre a supremacia bélica dos EUA. Com isso, grupos políticos estadunidenses começaram a questionar a validade da ocupação dos EUA naquela região, bem como a opinião pública estadunidense foi enorme, minando a determinação deles em permanecer no conflito. De fato, esse incidente em 1968 foi um importante sucesso propagandístico vietnamita, potencializado pela imprensa, da defesa da causa dos insurgentes que

mudou drasticamente a visão segura que as autoridades estadunidenses insistiam em repassar para a população.

3.3 O Final da Guerra do Vietnã

Nesse subitem serão descritos alguns eventos históricos importantes sobre o final da Guerra do Vietnã a fim de entender o seu desfecho derradeiro e suas consequências para os governos dos EUA e Vietnã.

No começo da década de 1970, os protestos contra a guerra aconteciam em grande quantidade nos EUA. Jovens, grupos pacifistas e a população em geral iam para as ruas pedir a saída dos EUA do conflito e o retorno imediato das tropas. Nesse momento, já eram milhares os soldados estadunidenses mortos, bem como a televisão mostrava as cenas violentas e cruéis da guerra.

Em 15 de janeiro de 1973, o presidente Nixon anunciou ao mundo a suspensão das operações estadunidenses no Vietnã. Os acordos de paz de Paris foram assinados em 27 de janeiro de 1973, encerrando oficialmente o envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã. Um cessar-fogo entrou em vigor entre os países do norte e do sul e os prisioneiros de guerra foram libertados, com a integridade territorial do Vietnã do Sul sendo garantida. O acordo também previa a retirada completa das forças dos EUA em sessenta dias e esse último item acabou sendo o único integralmente cumprido (OLIC, 1988).

Após a retirada dos EUA, a situação se tornou amplamente favorável ao Vietnã do Norte que, com o apoio da China e da ex-URSS, realizou uma grande ofensiva em 1975, provocando o colapso das forças sul-vietnamitas e invadindo Saigon, o que ocasionou a desesperada fuga de civis e remanescentes militares estadunidenses, além de vietnamitas partidários dos EUA (MAGNOLI, 2006).

A unificação nacional foi formalizada em 2 de julho de 1976 com o nome de República Socialista do Vietnã, 31 anos depois de ter sido anunciada. A capital, Saigon, é rebatizada com o nome de Ho Chi Minh, o líder da resistência vietnamita contra diversas invasões estrangeiras, morto em 1969, antes do término do conflito.

Por fim, no começo da década de 1970, o ambiente político estadunidense influenciou o desfecho da Guerra do Vietnã no qual o governo dos EUA sentiu-se pressionado, principalmente, pelos protestos contra a guerra que aconteciam em grande quantidade. Sendo que esses protestos estavam relacionados à virulência das contradições sociais dos EUA e a uma cobertura total da imprensa que dava oportunidade dos estadunidenses testemunharem o que acontecia no Vietnã.

3.4 Conclusões Parciais

Nesse capítulo, realizamos um estudo sobre a Guerra do Vietnã no qual pudemos entender o contexto histórico desse conflito, principalmente, no período de 1961 a 1969 na qual será o foco das evidências sobre a aplicação ou não dos princípios da ação contrainsurgente da Teoria de David Galula.

A Guerra do Vietnã constitui um exemplo de como não se deve fazer uma guerra irregular, pois o envolvimento estadunidense de uma década, utilizando os meios mais modernos de tecnologia, da qual sem dúvida, não foi o suficiente para se evitar um insucesso em sua estratégia, em um conflito no qual o adversário, muitas vezes, utilizou métodos quase que rudimentares. Ressalta-se também que o grande objetivo dos vietcongues era o desgaste psicológico das tropas estadunidenses, aproveitando-se do terreno e clima hostis, e levando ao adversário a certeza de que o combate seria prolongado.

Dois fatos se destacaram no início da Guerra do Vietnã: os EUA apoiaram abertamente o governo de Diem que estabeleceu uma ditadura marcada pela corrupção política e o argumento estadunidense da "Teoria do Dominó" para ir à guerra no Vietnã, afirmando que, se o Vietnã do Sul caísse nas mãos do comunismo, logo o mesmo aconteceria com muitos outros países como Laos, Camboja, Tailândia, Índia e Birmânia. Por isso, tecnicamente, não se diz que os EUA de fato perderam a Guerra do Vietnã, mas que, na verdade, eles falharam ao vencê-la. Eles não conseguiram conter o avanço do comunismo, que foi apresentado ao público como o objetivo principal de toda a campanha, portanto, não atingir esse objetivo significou um insucesso. Sendo assim, os EUA experimentaram uma vitória tática e uma estratégia fracassada.

Outra característica importante é que a Guerra do Vietnã foi a primeira a ter cobertura total da imprensa, dando a oportunidade da população estadunidense testemunhar, quase que imediatamente, o que acontecia nas linhas de frente. Esse fato desempenhou um papel de grande relevância para o insucesso da estratégia estadunidense, pois parecia que os EUA não estavam apenas lutando uma guerra no Vietnã, mas uma guerra na sua própria casa, já que logo o governo perdeu o apoio popular, graças à cobertura televisiva. Por isso, a guerra não estava sendo perdida nas selvas do Sudeste Asiático, mas nas ruas da América do Norte, atestando-se a eficácia da propaganda vietnamita, que soube influenciar a opinião pública estadunidense e internacional.

Por fim, o desfecho derradeiro da guerra, que iniciou com a retirada dos EUA do combate, foi influenciado pelo ambiente político estadunidense que se sentiu pressionado, principalmente, pela grande quantidade de protestos.

4 ENTENDENDO A GUERRA DO VIETNÃ À LUZ DA TEORIA DE DAVID GALULA

Nesse capítulo faremos uma análise das variáveis estudadas na teoria de Galula, na qual abordaremos se a Guerra do Vietnã, no período de 1961 a 1969, dentro dos campos “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” e “simplicidade”, seguiram ou não a teoria apresentada. Para aplicar as variáveis estudadas, estruturaremos a abordagem em três seções: as duas primeiras identificarão e descreverão evidências atinentes ao conflito, com base nas implicações observáveis apresentadas no capítulo dois; e a última seção apresentará conclusões parciais sobre a Guerra do Vietnã sob o prisma da Teoria de David Galula. Esse estudo é essencial para entendermos se a Guerra do Vietnã, no período de 1961 a 1969, aconteceu dentro do modelo teórico pesquisado.

4.1 Evidências do emprego do princípio da plena utilização das vantagens do contrainsurgente

Nesse subitem serão descritas evidências da Guerra do Vietnã sob o enfoque da variável “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” que nos corroborará a validar ou não a hipótese desta pesquisa.

Como vimos no capítulo dois, de uma maneira geral, Galula apresenta o caminho a ser seguido pela estratégia do contrainsurgente, centrando-se principalmente na população em vez do inimigo e também procurando reforçar a confiabilidade no governo afetado a fim de reduzir a influência insurgente perante a população. Sendo assim, a importância do apoio populacional faz com que normas sejam estabelecidas para nortear as ações contrainsurgentes. Sendo que dentro do princípio da ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” o sucesso das operações geralmente está associado às seguintes implicações

observáveis: a infraestrutura; a segurança pública; a condução de atividades de inteligência; e a necessidade de uma abordagem civil-militar integrada.

A primeira tentativa com relação a melhorar as condições de segurança pública e infraestrutura da população civil foi em 1961 na qual os estadunidenses juntamente com o governo de Diem buscaram reproduzir as eficientes “aldeias estratégicas” criadas pelos britânicos na Malásia. O programa era conhecido como *Strategic Hamlet Program* e consistia em proteger a população rural do país em campos fortificados, promovendo educação e assistência médica, bem como aumentar o controle do governo no interior do país. Nas aldeias, o governo construiu escolas, hospitais e algumas conveniências modernas para estimular os camponeses, bem como também foram fornecidos armas e treinamento militar para que pudessem se defender e se necessário o exército sul-vietnamita viria para ajudar as aldeias. Mais do que apenas fornecer segurança física, a meta do governo foi usar as aldeias para melhorar a vida dos camponeses e estimular reformas. Entretanto, uma série de erros condenou de antemão o projeto ao fracasso. Primeiro, a localização das aldeias, em áreas onde os vietcongues possuíam algum poder de ingerência. Segundo, metas superestimadas previram a criação de um número muito grande de novas aldeias em um prazo incompatível. Em consequência, boa parte delas permaneceu inacabada e, o que é pior, desguarnecidas e desprotegidas. E, por fim, a relutância da população nativa em abandonar a terra natal de seus ancestrais. Tendo então a vantagem, os vietcongues facilmente se rebelaram e invadiram as aldeias mal defendidas (VI-SACRO, 2009).

Segundo o Tenente-Coronel Roberto M. Cassidy do Exército dos EUA,

Quando a maioria dos estadunidenses reflete sobre o Vietnã, provavelmente lembra do General William C. Westmoreland, da americanização da guerra, das missões de grande escala de busca e destruição e das batalhas de atrito. Todavia, outra guerra, uma de contrainsurreição e pacificação, na qual muitas Forças Especiais, Fuzileiros Navais e outros conselheiros estadunidenses empregaram métodos de guerras de pequena escala com certo grau de sucesso (CASSIDY, 2005, p.26).

Além da iniciativa do programa das “aldeias estratégicas”, ocorreram outros métodos que tiveram certo grau de sucesso, destacamos: a experiência das Forças Especiais²⁷ estadunidenses em organizar as Equipes Irregulares de Civis para a Defesa (*Civilian Irregular Defense Groups* - CIDG); o Programa de Ação Combinada (*Combined Action Program* - CAP); e a expansão de Abrams²⁸ do esforço de pacificação por meio da Agência de Operações Civis e Apoio e Desenvolvimento Revolucionário (*Civil Operations and Revolutionary Development and Support* – CORDS).

Durante o início da Guerra do Vietnã, a 5ª Equipe de Forças Especiais estadunidenses treinou e liderou as CIDG operadas por tribos da minoria étnica em regiões fronteiriças e montanhosas. Essas forças conduziram patrulhas de reconhecimento com pequenas unidades e defenderam as suas bases locais nas áreas fronteiriças de ataques dos vietcongues e de unidades do exército regular do Vietnã do Norte (VISACRO, 2009). Essas patrulhas de CIDG proveram boa inteligência tática e deram proteção à populações em áreas que potencialmente poderiam ter caído sob o controle inimigo.

O programa utilizando as CIDG teve bastante êxito e suas unidades foram eficazes na contenção das infiltrações comunistas. Entretanto, as Forças Especiais estadunidenses dispunham de um número limitado e insuficiente de tropas e suas ações indiretas receberam um grau de importância menor no conjunto da estratégia militar²⁹ dos EUA. Por isso, quando o programa CIDG passou a ser usado como tropa regular em operações ofensivas, em vez de defesa dos locais que viviam, perdeu a eficiência (CASSIDY, 2005).

²⁷ As Forças Especiais estadunidenses atuavam no país desde 1957. Seu trabalho singular proporcionou bons resultados, sobretudo com as tribos montanhosas do planalto central. Os montagnards como eram chamados seus habitantes, nutriam uma hostilidade histórica aos “anamitas das planícies” e os “Boinas Verdes” dela souberam se aproveitar, organizando as CIDG (VISACRO, 2009).

²⁸ Creighton Williams Abrams Junior foi um general do exército dos EUA, comandante-em-chefe das forças estadunidenses durante a Guerra do Vietnã, entre 1968 e 1972.

²⁹ Nesse trabalho estamos adotando a definição de estratégia militar com sendo arte e a ciência de prever o emprego, preparar, orientar e aplicar o Poder Militar durante os conflitos, considerados os óbices existentes ou potenciais, visando à consecução ou manutenção dos objetivos fixados pelo nível político (MD35-G-01).

O programa CAP empregado pelo Corpo de Fuzileiros Navais estadunidense foi outra iniciativa que significativamente melhorou a capacidade militar dos EUA para proteger a população e adquirir melhor inteligência tática. As missões do Programa de Ação Combinada eram: destruir a infraestrutura do vietcong dentro da área de responsabilidade do vilarejo; prover segurança pública e apoio para manter a lei e a ordem; proteger a infraestrutura amiga; proteger bases e comunicações dentro dos vilarejos; organizar redes de inteligência locais; e participar em ações cívicas e conduzir propaganda contra os vietcongues (CASSIDY, 2005). Dessa maneira, os fuzileiros navais estadunidenses podiam desimpedir e oferecer segurança a um vilarejo, expandindo depois a área de segurança. A ação cívica desse programa teve um papel importante nos esforços para destruir os vietcongues porque trouxe importantes informações da população local sobre as atividades inimigas.

Em maio de 1967, foi criada a CORDS com o propósito de desenvolver esforços de inteligência junto à população campesina, combater a presença política do vietcong nas áreas rurais, gerenciar os recursos destinados às ações de pacificação e fomentar o desenvolvimento das aldeias. Entretanto somente quando o general Creighton Abrams se tornou Comandante do Comando de Assistência Militar dos EUA no Vietnã (*U.S Military Assistance Command Vietnam - MACV*) em 1968, ele pôs fim ao modelo de duas guerras, adotando um enfoque de guerra única de pacificação, realizando uma abordagem civil-militar integrada. No entanto, já era tarde demais para recuperar o apoio político para a guerra, que foi desperdiçado durante os anos com o general Westmoreland (CASSIDY, 2005).

Sob o modelo de uma guerra única para o Vietnã, a CORDS proveu a supervisão do esforço de pacificação. Abrams transformou a CORDS e a pacificação no esforço principal da guerra, tornando rejuvenescido o programa de desenvolvimento civil e rural que proveu maior apoio, mais conselheiros e mais fundos para as forças territoriais e de polícia. No

entanto, embora tenha sido imperfeito e quantitativo, entre 1969 e 1970, os esforços da CORDS contribuíram para a pacificação de 2.600 vilarejos (CASSIDY, 2005).

Os programas das “aldeias estratégicas”, das CIDG, do CAP e da CORDS sob o comando do MACV expandiram a qualidade das forças disponíveis para conduzir a contrainsurreição, melhoraram o patrulhamento de pequenas unidades e, conseqüentemente, melhoraram a condução das atividades de inteligência. No entanto, esses programas não foram sem falhas. Com relação às “aldeias estratégicas”, boa parte delas permaneceu inacabada e desprotegida, favorecendo assim ações dos vietcongues. Com relação às CIDG, além do programa receber um grau de importância menor no conjunto da estratégia militar dos EUA, ocorreu também a hostilidade entre os sul-vietnamitas e os grupos de minorias étnicas das forças de ataque das CIDG.

Com relação ao CAP empregado pelos Fuzileiros Navais estadunidenses, também, não foram completamente eficientes. Em alguns momentos os seus efeitos eram, nas melhores circunstâncias, transitórios, porque os moradores se tornaram dependentes deles na segurança aproximada. Em outros casos, especialmente antes que Abrams enfatizasse o treinamento de forças populares, o pobre treinamento e equipamento os deixavam incapazes de defender os seus vilarejos sem presença dos Fuzileiros Navais estadunidenses.

Como, inicialmente, a CORDS não era integrada sob o MACV, isso afetava seriamente qualquer perspectiva de obter uma unidade de esforço e propósito. A influência de Abrams resolveu isso ao permitir que o MACV supervisionasse a CORDS, assim como as formações militares regulares. Todavia a CORDS integrada ao MACV, na época em questão, não surtiu grandes efeitos para o desfecho da guerra devido a profunda degradação do quadro político, social e militar que se encontrava o país.

A equipe do general Westmoreland minimizou os esforços das Forças de Operações Especiais e o programa CAP empregado pelos Fuzileiros Navais estadunidenses porque

ambos discordavam do conceito de guerra para o exército dos EUA que a equipe possuía: convencional, grande quantidade de poder de fogo e o aproveitamento da tecnologia para busca e destruição (VISACRO, 2009).

Por fim, os pequenos resultados provisórios de sucesso comentados sobre os programas “aldeias estratégicas”, das CIDG, do CAP e da CORDS apresentados, trouxeram lições relevantes nas ações de contrainsurgência dentre as quais ressaltamos o aprimoramento da quantidade e da capacidade qualitativa das forças nativas, o estabelecimento de um modelo integrado e unificado civil-militar, e o aumento da segurança da população, bem como o adequado suporte de inteligência e apoio da população, para que as ações de combate possam ser conduzidas com mais precisão e eficácia, reduzindo os efeitos colaterais que as tornariam contraproducentes.

Ressalta-se ainda, na Guerra do Vietnã, a importância que teve o emprego de Forças Especiais e tropas especializadas como os Fuzileiros Navais estadunidenses como vetores adequados e qualificados que empregaram instrumentos eficazes em ações de contrainsurgência.

4.2 Evidências do emprego do princípio da simplicidade

Nesse subitem serão descritas as evidências da Guerra do Vietnã, no período de 1961 a 1969, sob o enfoque da variável “simplicidade”, que nos corroborará na conclusão desta pesquisa.

Como vimos no capítulo dois, uma das maneiras de combater o movimento insurgente é assumindo que a guerra irregular somente se vence através da guerra irregular. Galula também enfatiza que a doutrina de emprego utilizada deve ser de maneira clara, na qual o

objetivo é a população, sendo que as ações militares e políticas não podem ser separadas, bem como a ação militar, embora essencial, não pode ser a principal forma de ação.

A Estratégia e a Tática das Forças Armadas dos EUA, na época da Guerra do Vietnã, orientavam-se necessariamente para a guerra total e os profissionais militares estadunidenses apresentavam uma inclinação natural para um embate direto contra a ex-URSS, fosse ele calcado no poderio aéreo e na força destrutiva dos arsenais atômicos ou em um confronto aberto contra as forças mecanizadas do Exército Vermelho na Europa Ocidental (VISACRO, 2009).

Quando os primeiros soldados estadunidenses chegaram ao Vietnã do Sul, como assessores e consultores técnicos, realizaram seu trabalho junto ao exército sul-vietnamita tendo por base os recentes ensinamentos colhidos na Guerra da Coreia (1950-1953). Isto é, voltaram-se não para a contrainsurreição, mas para os combates convencionais decorrentes de uma provável invasão do sul pelas forças regulares do Vietnã do Norte, o que de fato aconteceu nos anos de 1972 e 1975. Com isso os EUA, com suas operações de “busca e destruição”, na verdade, limitavam-se, apenas, a responder aos “estímulos táticos”, pois quase todos os combates começaram por iniciativa comunista (VISACRO, 2009).

Taticamente, nos engajamentos diretos, os EUA eram superiores aos seus inimigos. Entretanto, eram inábeis na contrainsurgência, delegando tão importante tarefa ao despreparado, corrupto e impopular exército sul-vietnamita. Com isso as tropas estadunidenses, inicialmente, dedicaram-se as operações de “busca e destruição”, enquanto os sul-vietnamitas conduziram as ações de contrainsurgência nas aldeias. Alternativa plausível, se considerarmos a identidade comum e os vínculos culturais existentes entre os nativos e seu exército nacional. Todavia, em termos práticos, foi um desastre e as unidades estadunidenses acabaram sendo empenhadas na pacificação de áreas rurais conflagradas pela guerrilha.

Com relação à doutrina de emprego utilizada de maneira clara, na qual o objetivo deveria ser a população, os EUA, de acordo com os preceitos da guerra de segunda geração³⁰, tentaram fazer de seu enorme poderio aéreo um instrumento de sua estratégia inconsistente. Sendo que estavam impedidos de realizar uma ofensiva terrestre contra o Vietnã do Norte, porém não hesitaram em bombardear seu território no qual foram despejadas, sobre o Sudeste Asiático, mais bombas do que sobre a Alemanha ou o Japão durante a Segunda Guerra Mundial. Tratou-se de uma versão adaptada dos “bombardeios estratégicos” realizados durante o conflito de 1939 a 1945 (VISACRO, 2009).

Sem terreno para conquistar, estandartes para capturar ou qualquer outro parâmetro que lhes permitisse avaliar os resultados da luta, os estadunidenses passaram a realizar a “contagem dos corpos”. Esse critério inadequado sugeria que, aparentemente, os EUA estavam vencendo. Todavia essa a medida de eficácia realizada demonstrou-se desastrosa, pois focava em números e estatísticas, como um homem de negócios que visa o lucro. Da mesma forma, durante um longo período do conflito, a quantidade de caminhões destruídos ou a tonelagem de bombas despejadas eram a forma de determinar se os resultados da campanha estavam ocorrendo a contento (VISACRO, 2009).

No que diz respeito ao planejamento das operações, sob o aspecto do emprego de uma doutrina de maneira clara, as ações militares e políticas não podem ser separadas. E um aspecto interessante a ser notado é que não havia um consenso entre as lideranças políticas e as militares sobre qual seria a melhor forma de se alcançar os objetivos estabelecidos: diferentes teorias competiam por trás da lógica defendida por cada um dos envolvidos na decisão (VISACRO, 2009).

³⁰ Guerra de segunda geração vem da teoria das Quatro Gerações da Guerra de Lind onde a segunda geração se inicia a partir da Revolução Industrial a qual incorporou o poder de fogo dos novos armamentos produzidos em massa pelas indústrias (LIND, 2005).

Desde então, a Guerra do Vietnã tem sido um bom exemplo de conduta inadequada em guerra irregular, pois os EUA não estavam acostumados às táticas de guerrilha empregadas pelos vietcongues, e a estratégia equivocada de usar seu poder de fogo superior também desempenhou um papel importante na retirada das tropas estadunidenses do Vietnã.

Com isso, a doutrina de emprego estadunidense utilizada no Vietnã demonstrou a ineficiência das formas tradicionais de beligerância em um conflito de características predominantemente irregulares. Na verdade, eles (os estadunidenses) careciam de conhecimento, doutrina e experiência consistentes em conflitos insurrecionais.

Por fim, devido a não utilização de uma doutrina de emprego clara com foco no apoio da população civil, os EUA utilizaram os bombardeios e a violência indiscriminada, ante a frustração e incapacidade de distinguir o civil do guerrilheiro. Com isso fomentaram o ressentimento dos nativos e também davam “munição” à opinião pública estadunidense que passou a questionar a validade dos objetivos políticos da Casa Branca e a condenar a guerra, assim que o número de corpos estadunidenses provenientes do Sudeste Asiático e os custos orçamentários do conflito começaram a crescer ininterruptamente. Os estrategistas de Hanói perceberam que o tempo corria a seu favor. Ou seja, para que lograssem êxito, não necessitariam efetivamente de uma vitória, bastaria apenas que não fossem derrotados, prolongando indefinidamente o conflito.

4.3 Conclusões Parciais

Nesse capítulo, realizamos um estudo das evidências empíricas selecionadas da literatura, com base na análise dos princípios da ação contrainsurgente, dentro dos campos “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” e “simplicidade”.

Com a colocação dos princípios da ação contrainsurgente, Galula cria um esqueleto para que uma contrainsurgência possa ser efetivada, mostrando claramente o caminho a ser seguido pela estratégia e assumindo que a guerra irregular somente se vence através da guerra irregular. Sendo que dentro do princípio da ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” o sucesso das operações, numa guerra irregular, geralmente está associado aos fatores de infraestrutura, segurança pública e à condução de atividades de inteligência, bem como existe a necessidade de uma abordagem civil-militar integrada. Já o princípio da ação da “simplicidade” aborda a necessidade de uma doutrina de emprego clara, na qual o objetivo é a população.

Entretanto ao desembarcar grandes contingentes no Sudeste Asiático, os Comandantes estadunidenses empenharam-se em travar uma guerra de segunda geração, localizando o inimigo, fixando-o e mantendo-o em contato pela superioridade dos sistemas de apoio de fogo e manobra. Em síntese, era essa a concepção geral das operações de “busca e destruição”. Todavia essa estratégia tomada na Guerra do Vietnã fez com que não ficasse claro que esse conflito fosse essencialmente uma guerra de contrainsurreição, até que os EUA tentaram convertê-la em alguma coisa que não era ao “americanizá-la”.

Mesmo assim é um engano supor que os EUA não empreenderam ações efetivas de contrainsurgência. Dentro das evidências da aplicação do princípio da ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” destacamos os programas das “aldeias estratégicas”, das CIDG, do CAP e da CORDS que tiveram certo grau de sucesso. A questão é que esses programas se mostraram tardios e proporcionalmente insignificantes, quando comparados às tentativas de se travar e vencer a guerra segundo os métodos militares convencionais.

Com relação às evidências da aplicação do princípio da ação da “simplicidade”, os estadunidenses careciam de conhecimento e experiência consistentes em conflitos insurrecionais, bem como não utilizaram uma doutrina de emprego clara com foco no apoio da

população civil. Por isso, como vimos no capítulo dois, também podemos perceber que na Guerra do Vietnã por mais que a variável “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” pudesse ser forte, ela diminuiria sua importância se a variável “simplicidade” não pudesse apoiá-la.

Sendo assim, podemos constatar a falta de evidências contundentes e duradouras das variáveis escolhidas da teoria de Galula, bem como o não emprego do princípio da ação da “simplicidade” diminuiu a importância do pequeno sucesso conseguido na variável “plena utilização das vantagens do contrainsurgente”, que, de certa maneira, corroboraram para o fracasso da estratégia adotada pelos EUA.

Por fim, percebemos que o caminho que trilhou a Guerra do Vietnã foi muito influenciado pela opinião pública estadunidense e internacional, ao enfatizar os abusos cometidos pelo exército dos EUA, que usavam de força desproporcional contra um inimigo consideravelmente inferior do ponto de vista militar, mas que defendia sua soberania e sua integridade territorial, configurando, assim, o princípio da “guerra justa” por parte dos insurgentes.

5 CONCLUSÃO

Para a realização desta pesquisa, foram escolhidos um teórico conhecido, experiente em movimentos de ideologia comunista, e a realidade histórica da Guerra do Vietnã a qual demonstra como é perigoso aplicar indiscriminadamente conclusões oriundas de outros conflitos. O propósito selecionado para esta pesquisa foi o de confrontar o modelo teórico dos princípios da ação contrainsurgente, de David Galula, com o que aconteceu na Guerra do Vietnã, no período de 1961 a 1969, bem como o grau de importância dessas variáveis que permitiram o fracasso da estratégia estadunidense. Respondendo a questão, conseguimos inferir que a teoria continua de interesse para estudos futuros, servindo como base para planejamentos e adestramentos militares, dentro do contexto dos conflitos irregulares. E disso podemos tirar a relevância da pesquisa que, acreditamos, tenha o potencial de auxiliar no rearranjo das tarefas e capacitações do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil.

Para a consecução do propósito foram analisados alguns aspectos de interesse da Guerra do Vietnã. Mais precisamente, focamos nossa atenção no período de 1961 a 1969, no qual pudemos observar a não utilização do emprego do modelo teórico de Galula. Para isso, o trabalho foi composto de três capítulos de desenvolvimento, abordando as variáveis teóricas estudadas, a contextualização histórica da Guerra do Vietnã e, por fim, a interação entre a teoria e a realidade.

No primeiro capítulo de desenvolvimento, apresentamos um breve histórico do teórico e de sua teoria, no qual depreendemos que Galula apresenta subsídios e instrumentos adequados no combate contra o movimento insurgente, mostrando claramente o caminho a ser seguido pela estratégia do contrainsurgente. Posteriormente, delimitamos o estudo nos princípios da ação contrainsurgente, nas variáveis “plena utilização das vantagens do

contrainsurgente” e “simplicidade”, nas quais destacamos as implicações observáveis a serem buscadas na realidade histórica selecionada e, no final do capítulo, realizamos a interação entre elas, mostrando como o sucesso de uma dessas variáveis depende diretamente do sucesso da outra.

No segundo capítulo de desenvolvimento, foi realizado um estudo sobre a Guerra do Vietnã para entendermos o contexto histórico desse conflito, principalmente, no período de 1961 a 1969 o qual foi o foco das evidências sobre a aplicação ou não dos princípios da ação contrainsurgente da teoria de Galula. Nesse capítulo constatamos, no início da Guerra do Vietnã, o apoio dos EUA ao Governo de Diem que estabeleceu uma ditadura marcada pela corrupção política e o argumento estadunidense para ir à guerra, explicado pela “Teoria do Domínio”. Posteriormente, apresentamos que os EUA experimentaram uma vitória tática e uma estratégia fracassada, pois não conseguiram conter o avanço do comunismo que foi o objetivo principal de toda a campanha. E que o desfecho da guerra do Vietnã foi afetado pelo ambiente político estadunidense que se sentiu pressionado pela grande quantidade de protestos que foram influenciados, principalmente, pela cobertura total da imprensa ao conflito, dando a oportunidade da população dos EUA perceber o que acontecia nas linhas de frente.

No terceiro capítulo de desenvolvimento, identificamos poucas evidências empíricas dentro do modelo teórico no qual o pequeno sucesso encontrado no seu emprego se mostrou tardio e proporcionalmente insignificante, quando comparados às tentativas de se travar e vencer uma guerra segundo os métodos militares convencionais. Outrossim, o não emprego do princípio da ação da “simplicidade” diminuiu a importância do pequeno sucesso conseguido no princípio da ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” que de certa maneira corroboraram para o fracasso da estratégia adotada pelos EUA.

Concluindo a presente pesquisa, observamos que o caminho a ser seguido pela estratégia do contrainsurgente, centrada na conquista da população, sugerido pelo modelo

teórico não foi adotado pelos EUA na Guerra do Vietnã, no período de 1961 a 1969. Os estadunidenses careciam de conhecimento e experiências consistentes em conflitos insurrecionais. Por isso não ficou claro para os EUA que esse conflito fosse uma guerra de contrainsurreição, pois tentaram vencê-lo segundo os métodos militares convencionais, buscando a concepção geral das operações de “busca e destruição”, amparadas por seu imenso poderio bélico e tecnológico. E mesmo que algumas delas tenham resultado em vitórias táticas, os comunistas obtiveram vantagem no campo estratégico no qual souberam aproveitar muito bem as características do clima severo e do ambiente de selva, empregando táticas de guerrilha.

Ressalta-se também a importância que teve no ambiente político a opinião pública estadunidense e internacional, influenciada pela cobertura total da imprensa. Essa cobertura enfatizava os abusos cometidos pelo exército dos EUA que usavam de força desproporcional contra um inimigo consideravelmente inferior do ponto de vista militar.

Em suma, a estratégia adotada pelos EUA nesse conflito nos ajudou a compreender melhor alguns êxitos e falhas ocorridos no Vietnã. Em última análise, a estratégia estadunidense na Guerra do Vietnã não fracassou somente porque não utilizou o modelo teórico de Galula, pois não podemos afirmar categoricamente quais seriam as reações do seu emprego na nova história que poderia ser contada pela imprensa e, conseqüentemente, as reações da opinião pública estadunidense e internacional. Todavia, fruto da experiência de Galula com movimentos de ideologia comunista e o uso de suas obras na atual doutrina de COIN estadunidense, podemos depreender que os EUA poderiam ter tido mais condições de obter sucesso se tivessem empregado os princípios da ação da “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” e da “simplicidade” do modelo teórico de Galula.

As questões que colocamos foram: como se relacionaram às variáveis “plena utilização das vantagens do contrainsurgente” e “simplicidade”, do modelo teórico de David Galula, na Guerra do Vietnã no período de 1961 a 1969? E qual a importância que essas

variáveis tiveram para o fracasso da estratégia adotada pelos EUA nesse conflito? Com isso a pesquisa nos permitiu concluir que um dos motivos do fracasso da estratégia dos EUA foi o não emprego do modelo teórico de Galula, porém não foi o único motivo e nem podemos afirmar que foi a razão preponderante. Entretanto entendemos a importância dessa teoria para a aplicação em diversas realidades históricas, visto que os pressupostos de Galula responderam de forma satisfatória a algumas razões do insucesso da estratégia estadunidense.

Nesta pesquisa, não foi possível estudar as outras variáveis que complementam o estudo dos princípios da ação contrainsurgente. Para estudos futuros, sugere-se que sejam consultados trabalhos que permitam fazer uma análise das outras variáveis dentro da mesma ou de outra realidade histórica.

Por fim, a pesquisa indicou a importância do entendimento das variáveis do modelo de Galula e sugere que a Marinha do Brasil, caso considere de interesse estar pronta para esse tipo desgastante de conflito, deva incentivar, nas suas escolas de formação e nos seus adestramentos, os militares para esse tema específico, ampliando e melhorando suas capacidades.

A pesquisa também deixou claro que não se destinou a oferecer soluções para os problemas que os EUA enfrentaram durante a Guerra do Vietnã, mas a estudar uma experiência histórica juntamente com um modelo teórico a fim de prover lições que não podem ser esquecidas por líderes que pretendem estar atualizados no planejamento e emprego de recursos militares na guerra irregular.

REFERÊNCIAS

- ALVEAR, C. T. *Vietname: trincheira e caminho para o mundo livre*. Rio de Janeiro: Record, 1966.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *MD35-G-01 - Glossário das Forças Armadas*. 4ª ed. Brasília, 2007.
- BURCHETT, W. G. *Vietnã Norte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CASSIDY, R. M. *Vencendo a Guerra da Pulga: Lições da Guerra de Guerrilha*. In: Military Review. Fort Leavenworth, Edição Brasileira, jan. / fev. 2005
- ECCLES, H. E. *Em minha visão... Vietnam e a ausência de estratégia*. In: Naval War College Review. Newport, Edição Brasileira, mar. / abr. 1982.
- FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. *Manual de Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- GALULA, D. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*. New York and London: Frederick A. Praeger, Inc. , 1964.
- GIAP, V. N. *O Vietnam segundo Giap*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1968.
- HILLS, K. *Guerras que mudaram o mundo: a Guerra do Vietnã*. São Paulo: Ática, 1998.
- LIND, W. S. *Compreendendo a guerra de quarta geração*. In: Military Review. Fort Leavenworth, Edição Brasileira, jan. / fev. 2005
- MAGNOLI, D. (org). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARLOWE, A. *David Galula: His Life and Intellectual Context*. 2010. 61 f. Monografia (Instituto de Estudos Estratégicos) - U. S. Army War College, Carlisle, 2010.
- OLIC, N. B. *A Guerra do Vietnã*. São Paulo: Moderna, 1988.
- OLIVEIRA, S. *Movimentos de insurgência: história e técnicas de forças irregulares para o futuro*. 2013. 376 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, 2013.
- PECEQUILO, C. S. *Política Internacional*. 2ª ed. Brasília: FUNAG, 2012.

PETRAEUS, D. *The US Army/Marines Corps Counterinsurgency Field Manual*. 1ª ed. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

RAFFO JR, C. E. *Vietnã: As lições foram aprendidas?* In: *Revista Marítima Brasileira*, 2. trim. 2001.

SHARP, U. S. G. *Strategy for defeat: Vietnam in retrospect*. Califórnia: Presidio Press, 1998.

SUMMERS, H. *On strategy: the Vietnam war in context*. In: U. S. Army War College, Carlisle, 1981.

TRINQUIER, R. *et al. Modern Warfare: A French View of Counterinsurgency*. New York: Praeger Security International, 2006.

VISACRO, A. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.